

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [1]

Parte 1 de 3 do Material Teoria e Metodologia do Ensino da Arte da disciplina ministrada pela professora Käite Zilá Wrobel Luz.

Sumário

- Apresentação
- Introdução
- 1. História da Arte - Da Arte na Pré-História à Arte Grega
- Referências



Apresentação

Caros estudantes, o *e-book* proposto para a disciplina de Teoria e Metodologia do ensino da Arte busca ampliar a discussão sobre a importância do ensino da Arte na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, assim como contribuir para reflexão acerca da possível desvalorização dessa área do conhecimento para formação do estudante da educação básica, como para a formação do futuro professor-pedagogo.

Dessa forma, buscou-se organizar esse material de apoio de uma forma a estabelecer um diálogo reflexivo entre você acadêmico(a) e a área do conhecimento em evidência, e assim possibilitar a interação dos seus conhecimentos com às discussões propostas. Para aproximar e enriquecer suas concepções sobre a importância do ensino da Arte, propõe-se retomar a História da Arte, de uma forma geral e em um segundo momento reconstruir o histórico constitutivo do componente curricular no contexto da educação brasileira, especificamente na educação infantil e no ensino fundamental dos anos iniciais.

Portanto, além de explorarmos a importância da Arte na educação básica, buscou-se pontuar de forma objetiva e didática os conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade, sobre as tendências artísticas que norteiam o pensamento estético e as criações artísticas, em uma proposta de ressignificação dos conhecimentos já construídos por você estudante ao longo de sua formação acadêmica.



A partir dessa perspectiva evidencia-se o reconhecimento da área no intuito de contribuir para uma formação crítica, para superação de inserção da Arte nos anos iniciais e na educação infantil como apenas um conhecimento secundário, auxiliar no contexto pedagógico. Para tanto, os referenciais teóricos os quais serão apresentados no decorrer da disciplina, as leituras, discussões e propostas de atividades, serão de extrema relevância, com o objetivo de alicerçar sua formação inicial, a sua futura atuação como professor/pedagogo e a compreensão de uma perspectiva de continuidade formativa.

Sendo assim, pretende-se dar ênfase as contribuições desta área do conhecimento para a formação do professor-pedagogo para que sua atuação no campo da educação e nas intervenções que se estabelecem na realidade social, propiciem uma articulação interdisciplinar entre a Arte e os demais componentes curriculares que constituem os anos iniciais do ensino fundamental e a educação infantil, para assim alcançarmos nosso objetivo primordial, o ensino-aprendizagem significativos, uma formação integral do sujeito social presente na realidade escolar.

A disciplina de Teoria e Metodologia do ensino de Arte parte integrante da proposta curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, em sua ementa, propõe,



Conceito de arte e de criação artística. A arte como expressão cultural e suas implicações na forma integral do indivíduo. A cultura como instrumento de leitura, compreensão da sociedade e construção da cidadania. A formação cultural do professor e o trabalho pedagógico. As novas tecnologias e a arte. Projetos interdisciplinares de ensino-aprendizagem. Análise das atividades artísticas que contribuem para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo (PPC, 2018).

Ao analisarmos a ementa pode-se evidenciar a importância da disciplina para uma formação concisa, em que por meio das reflexões, dos estudos e das leituras indicadas, conceitos, objetivos e trabalhos pedagógicos efetivos se concretizem na atuação futura dos professores/pedagogos. Para que os pressupostos teórico-metodológicos sejam construídos e contribuam para um entendimento e conhecimento concreto acerca do patrimônio artístico da humanidade em sua dimensão estética e criativa.

Dessa forma, ao sugerirmos no decorrer da disciplina estudos e leituras para além da referida matriz curricular, propõe-se uma reflexão crítica, um aprofundamento que se faz necessário no sentido de abstrair-se elementos fundamentais, para uma apropriação mais efetiva dos conceitos importantes a uma organização pedagógica em que se valorize a Arte, em que o pensamento, a imaginação, o sentimento, as circunstâncias de época, de lugar ambiente sejam considerados ao se criar e/ou analisarmos uma obra de arte.



Nesse sentido, juntamente com o aprofundamento teórico proposto, objetiva-se repensar o trabalho escolar em Arte, subsidiar práticas educativas para crianças aos futuros professores/pedagogos. Para que reconheçam de forma efetiva a necessidade permanente de aperfeiçoamento, inicial e no seu futuro como educador (continuado), em Arte e nos demais componentes curriculares da educação básica (educação infantil e anos iniciais).

Ressalta-se, no transcorrer da disciplina de Teoria e Metodologia do ensino da Arte, diretrizes fundamentais, as quais são voltadas a ações para a formação artística e estética dos alunos dos anos iniciais e educação infantil enquanto iniciação, pois estes estudantes encontram-se inseridos em uma realidade social de múltiplas construções culturais, convivem com linguagens artísticas e portam um prévio conhecimento estético e cultural.

Contudo, os conhecimentos prévios dos estudantes e dos futuros professores/pedagogos necessitam serem aprimorados, novas aprendizagens artísticas podem ser aprofundadas, noções indispensáveis para compreender em uma perspectiva científica conceitos e fundamentos do ensino da Arte. Assim, as vivências artísticas, no campo das artes visuais, música, artes cênicas, artes audiovisuais, dança serão essenciais para um embasamento teórico-prático, para que os estudantes da educação básica se aproximem e ampliem seus conhecimentos artísticos, e os futuros docentes possam exercer sua profissão de forma concisa.

Bons estudos!!

Profª Ms. Käite Zilá Wrobel Luz



Introdução

O *e-book* apresenta 2 unidades, as quais articulam-se com a disciplina de Teoria e Metodologia do Ensino da Arte, assim como, buscam por meio de uma reconstrução histórica da Arte (geral e brasileira), proporcionar importantes contribuições para se pensar na prática pedagógica deste componente curricular. Conseqüentemente, as discussões referentes a Arte no contexto da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental objetiva apresentar noções específicas que possibilitem o trabalho em arte, ou seja, compreender e atuar com arte na vida infantil.

Portanto, ao organizar-se primeiramente a perspectiva histórica da Arte, pensou-se “Arte fora de um contexto histórico é arte sem memória” (SMITH-LUCIE, 2005, p. 25). Como iremos aprofundar conceitos e fundamentos centrais no ensino Arte, sem revisitarmos os conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade, sem compreendermos como esse componente curricular se constituiu na educação brasileira. Por essa razão, a discussão que se inicia em apresentar de forma didática, objetiva a História da Arte enquanto área do conhecimento e em continuidade como componente curricular.

Sendo assim, buscou-se no material uma discussão que venha complementar e ampliar o entendimento da manifestação da criatividade e imaginação humana, por meio dos aportes teórico-práticos que constituem o escopo organizacional da disciplina, das leituras, atividades e discussões propiciar um diálogo com o acadêmico, em que sejam construídos subsídios para uma atuação crítica e consciente em Arte.



Dessa forma, ao intensificar e destacar as metodologias do trabalho educativo em Arte subsidiados pela trajetória histórica, possibilita a conexão entre questões teóricas, metodológicas, sociais e culturais, aprofundam-se conceitos, ações refletidas e principalmente ações transformadoras.

Destarte, organizou-se o presente e-book em duas temáticas, com subitens para aprofundar e delimitar as discussões propostas:

Unidade 1 – História da Arte – Da pré-história a modernidade

Subdividido entre Da Arte na Pré-História à Arte Grega e Da Arte Medieval à Arte Moderna

Unidade 2 – A Arte na História da Educação Brasileira – A arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental

A partir das temáticas propostas, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos:

Compreender a Arte em uma perspectiva histórica na construção do conhecimento, para a formação do professor-pedagogo;

Refletir sobre a prática pedagógica no contexto das manifestações artísticas e estéticas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental;

Analisar a Base Nacional Comum Curricular e o ensino de Arte, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental;



Na primeira unidade promoveu-se uma reflexão acerca da reconstrução histórica da Arte em âmbito geral, desde a pré-história a modernidade, com o objetivo de rever perspectivas e concepções, visitar e reorganizar conhecimentos prévios a respeito dos conhecimentos artísticos e estéticos. Para assim, desenvolver e estimular uma formação concisa, com base em promover o aprofundamento teórico-prático para a formação inicial dos futuros professores/pedagogos.

Na segunda unidade discutiu-se sobre a Arte na história da educação brasileira, sua constituição como componente curricular, no sentido de tornar visível para você estudante a amplitude, complexidade e necessidade de intensa formação e estudo para desenvolver um trabalho pedagógico significativo na área de Arte na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Dessa forma, as unidades objetivam ampliar e aprofundar os conhecimentos e reflexões acerca do trabalho docente no ensino da Arte no contexto do processo formativo do curso de Pedagogia. Assim como, valorizar as contribuições dos conhecimentos artísticos e estéticos no processo de ensino-aprendizagem.



Unidade 1 – História da Arte

Da Arte na Pré-História à Arte Grega

A proposição da primeira unidade, busca aproximar você futuro professor da Arte ao longo da história da humanidade, no intuito de aprimorar conceitos e fundamentos dessa área do conhecimento, que se faz presente desde os povos primitivos (BATTISTONI FILHO, 1991).

Pois, a Arte possibilita ao homem a busca por uma atuação consciente e livre na realidade social. É a busca por expressar seus sentimentos, suas frustrações, suas vitórias suas aprendizagens, encontrar respostas, ou simplesmente aguçar o olhar com o belo. Como também “uma visão mais abrangente do processo cultural como um todo [...]” (PROENÇA, 2002, s/p).

Nesse contexto, a Arte, quem a cria, ou seja, o artista, possui uma sabedoria que aflora, que pode ser aprimorada por ensinamentos, conceitos teóricos, contudo, é resultado de um estado de evolução. A forma pela qual a obra é criada, é o espaço vital do artista, as linhas que utiliza, as cores são elementos que evidenciam seus sentimentos, seus estímulos.



A linha pensada como trajetória, movimento, limite, plano, direção, contorno, apresentam simbologias inspiradoras, inquietantes, estimulantes, que nos permitem sentir a obra juntamente com o artista, ou nos levam para outras sensações, outras compreensões, sentimentos. Segundo Battistoni Filho (1991), a linha reta pode expressar espiritualidade; a linha curva, movimento; a linha reta horizontal razão, calma; a linha quebrada nervosismo, drama.

Quanto as cores, um elemento que o artista se vale para dar volume, espaço, exprimir ideias e emoções, não afeta apenas nosso olhar, mais o nosso sentir, nosso coração. Estudos na área da Psicologia indicam o que as cores quentes (estimulam) e frias (acalmam) provocam em nosso sentir, ainda ocorrem outras explicações e relações, por exemplo as cores e a música, o som, “música dos olhos, elas combinam sons” (DELACROIX, 1932, s/p).

A criação do artista também parte do princípio do uso da mão, quando o homem descobriu que podia utilizá-la para dar forma, para expressar sua consciência de algo, o que acelerou a formação do domínio humano de seu desenvolvimento psíquico. Assim como, a linguagem, segunda descoberta que permitiu ao homem se expressar, se comunicar com outros homens. Enfim a mão e a linguagem possibilitaram o exercício do pensar com a realidade vivida (BATTISTONI FILHO, 1991).

E assim para reconstruir-se a arte ao longo da história da humanidade, as fontes históricas são elementos importantes, pois nos permitem conhecer as produções artísticas dos homens desde os tempos mais remotos e assim favorecem ao entendimento desse processo histórico, de forma materializada na produção artística (PROENÇA, 2002).

Figura 1 – Fontes Históricas



Referências das imagens
rawpixel.com / Freepik
macrovector / Freepik

Fonte: Figura elaborada com base em BATTISTONI FILHO, 1991, p. 12.



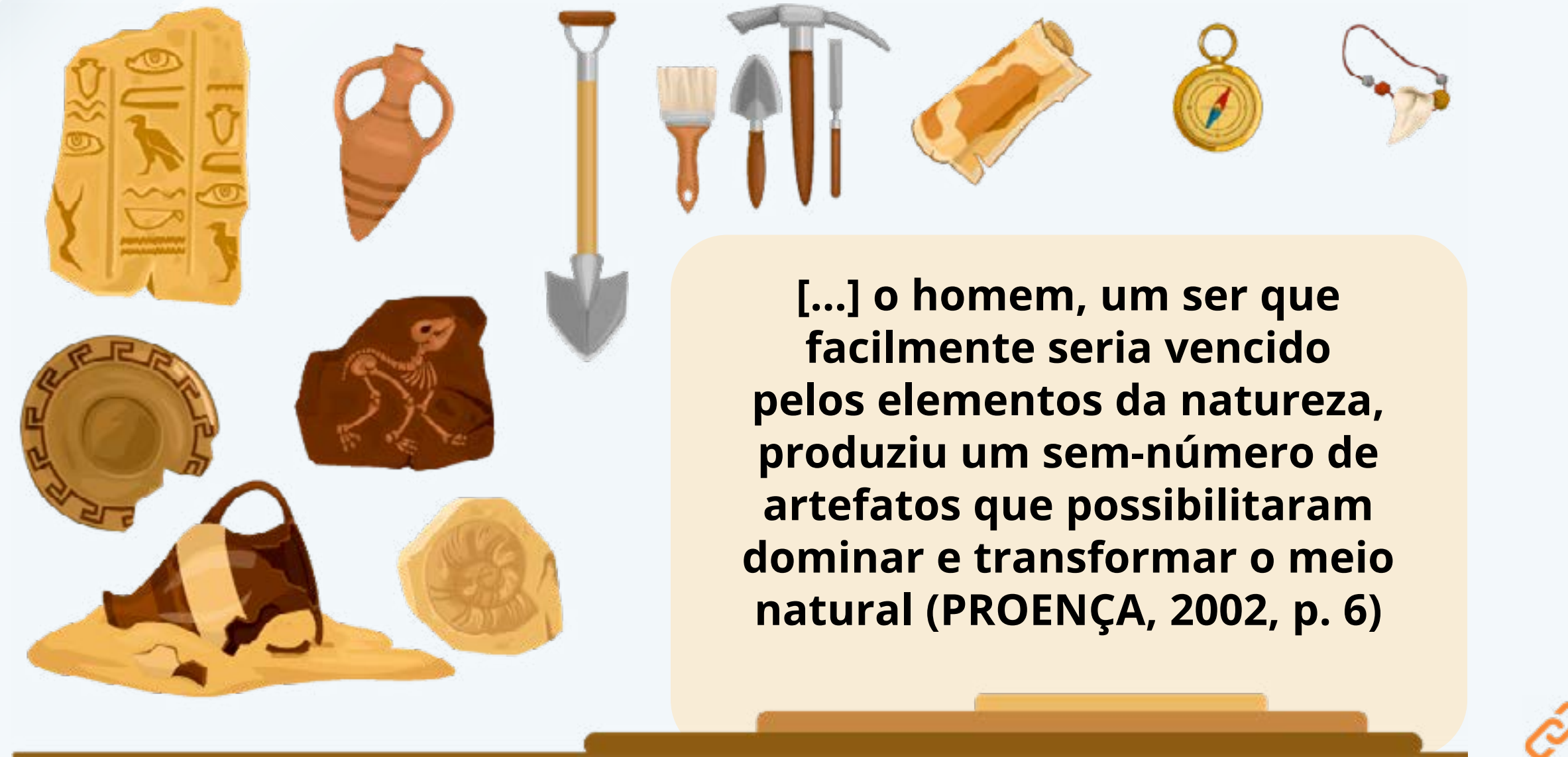
Ainda, deve-se considerar outras fontes mais recentes que se tornam fundamentais para auxiliar na reconstrução histórica da Arte, como romances, músicas, cinema, teatro, como formas de expressão, para contribuir e melhor compreender as manifestações humanas, que retratam a vida, a realidade da sociedade.

Para refletir e assim compreendermos como a reconstrução proposta se justifica para ampliarmos e ressignificarmos conhecimentos adquiridos ao longo de nossa vida acadêmica, contudo agora pensando na formação para atuar como professor de Arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

IGNORAMOS como a arte começou, tanto quanto desconhecemos como se iniciou a linguagem. Se aceitarmos o significado de arte em função de atividades tais como a edificação de templos e casas, realização de pinturas e esculturas, ou tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte (GOMBRICH, 1999, p. 14)

1.1 Da pré-história a modernidade

A Arte na pré-história, se constitui em um período anterior ao *homo sapiens*. Devido a alterações intensas no clima da Terra, em que em certos momentos da história eram muito baixas, fez os homens em determinados lugares viverem em cavernas, buscarem abrigo e proteção. Nessa luta pela sua sobrevivência aprenderam ao longo dos tempos a utilizar pedra, madeira e ossos, a descobrir o fogo, o que auxiliou e ampliou a sua vida.



Referências das imagens

macrovector / Freepik

Com o passar do tempo o homem aperfeiçoou os instrumentos, aprimorando assim suas técnicas de caça de grandes animais, ampliando a sobrevivência de todos. Nesse contexto, as manifestações artísticas apareceram nas paredes das cavernas. No caso das obras arquitetônicas desse período da História, não temos registro, em função do nomadismo do homem.

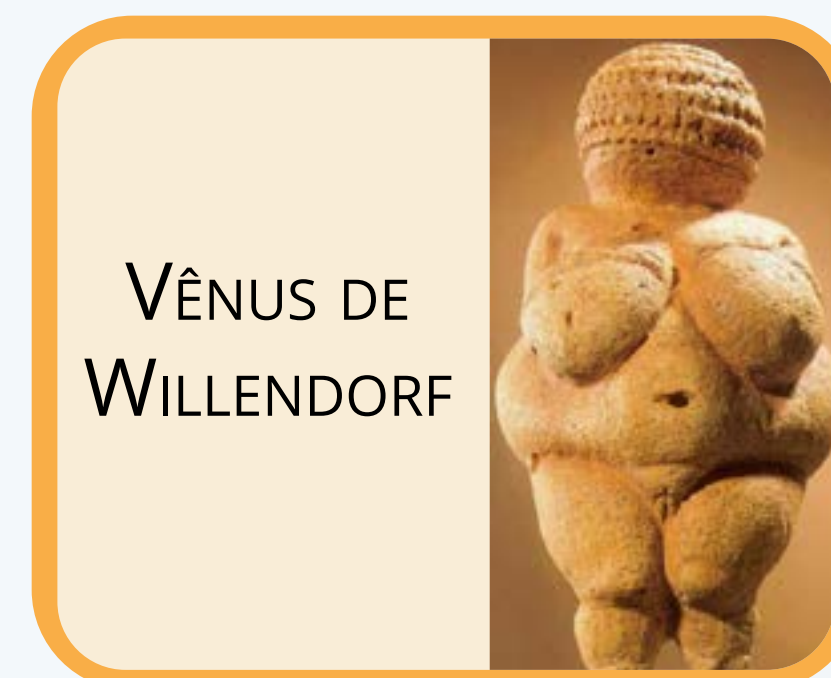
Caro estudante importante destacar que nesse período histórico as informações são resultado de pesquisas de antropólogos e historiadores com base nos objetos encontrados (PROENÇA, 2002).



O utensílio que se estima ser mais usado era o machado de mão, de pedra lascada, também nesse período aparecem as estatuetas em marfim e osso, objetos de adorno pessoal, decoração de armas e utensílios. Historiadores acreditam que o homem foi primeiro escultor depois pintor, pois a pintura exigia maior capacidade de expressão do pensamento. Figuras femininas encontradas dessa época esculpidas em osso e pedra, com formas volumosas, gordas aparecem, acredita-se que essas formas simbolizavam a fertilidade.

Essas informações em destaque no parágrafo anterior, são de conhecimento de vocês estudantes, podem parecer óbvias, contudo, ilustram as características do momento histórico, que na simplicidade do registro do cotidiano, a representação dos elementos da natureza, captava a realidade da vivência humana.

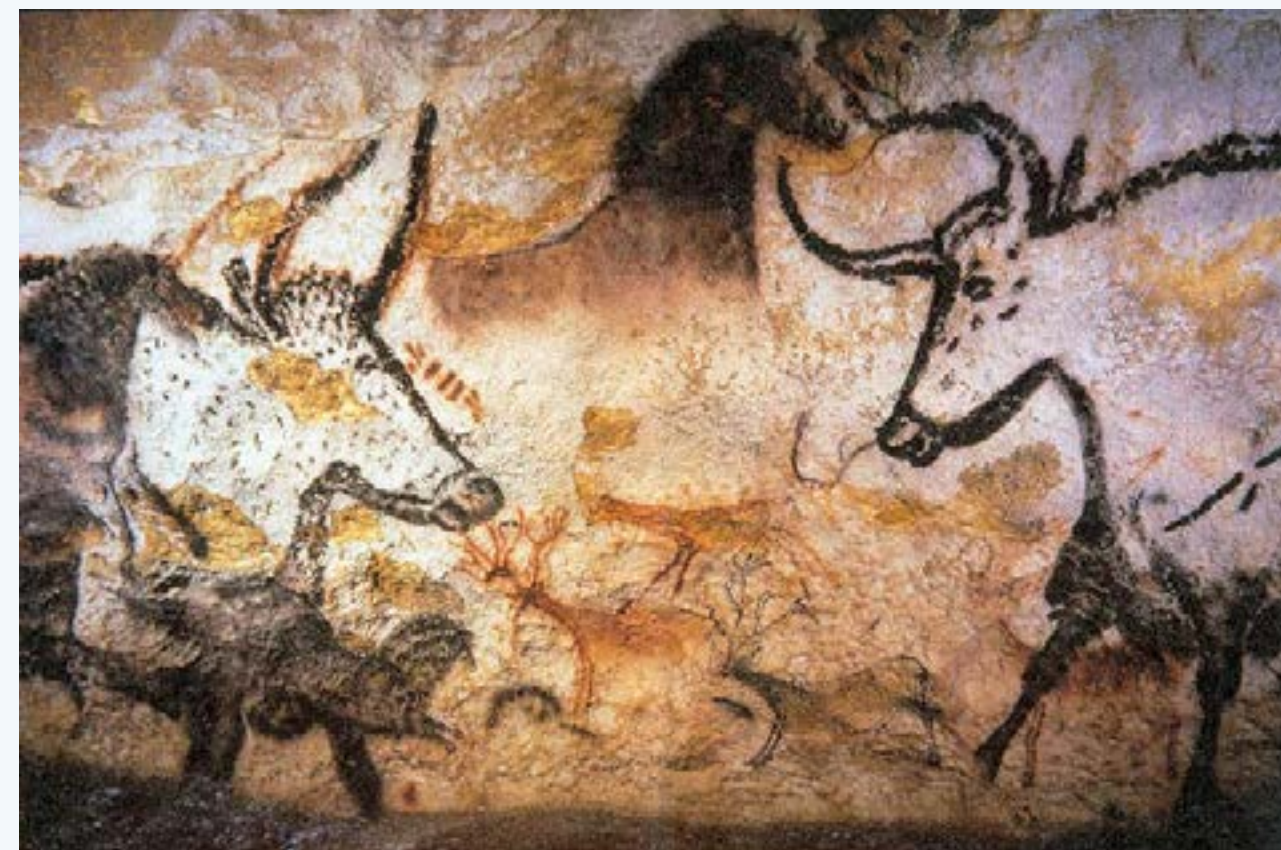
Figura 2 - Imagens de Vênus





Devido ao contexto do momento histórico desse período destacam-se a representação de animais, com cenas realistas do dia a dia, como cavalos, bisões, ursos, bois selvagens. Um dos achados de destaque desse período foi a “capela Sistina da Pré-história” (BATTISTONI FILHO, 1991, p. 18), em virtude da riqueza e variedade de pinturas. Outro achado significativo foi encontrado na França em Monti-Lascaux, um boi de quase cinco metros de comprimento.

Figura 3 – Caverna de Lascaux, França



Fonte: Wikimedia Commons/Prof saxx.

Registros importantes que revelam a elaboração do artista, como este se coloca diante de fatos do dia a dia, conectando o que via com o que não via, força e movimento, leveza e fragilidade, são contrastes que enfatizam as interpretações mais aceitas entre estudiosos desse período (PROENÇA, 2002).



Outra característica relevante, são como as tintas eram aplicadas, com as mãos, espátulas, bastonetes, pincéis rudimentares, ou soprando tintas em canudos com a boca. As tintas eram feitas por meio de matérias primas minerais, argilas coloridas, gordura animal ou vegetal, sangue de animais e excrementos de aves, a cor negra provavelmente era obtida queimando ossos e madeira. O homem pintor desse período era figurativo, desenhava de acordo com o que via, reproduzindo a sua memória. Alguns historiadores acreditam que ao desenhar o momento da caça, ocorria um misticismo, magia, que facilitava as futuras caçadas (BASTTISTONI FILHO, 1991; PROENÇA, 2002).

Já no período Neolítico ou Idade da Pedra Polida, começa um ciclo de vida mais complexo, alguns grupos tornam-se sedentários ao contrário de outros grupos que permaneciam no nomadismo, assim, os grupos que modificavam sua vivência, aproximam-se de uma organização social mais elaborada, afastando-se dos moldes primitivos, o que propiciou um crescimento populacional, práticas econômicas mais complexas, criação de animais, agricultura, artesanato, com relações de trocas e ampliação do sentido de posse/propriedade.

Conquistas técnicas que refletem o aprimoramento da observação, abstração e racionalização do homem ao longo dos tempos, o que ocasiona uma importante transformação na história da arte (PROENÇA, 2002).



Os monumentos que identificam esse momento histórico significativo e de transformação da evolução humana, são as construções de palafíticas e megalíticas, como podemos apreciar e observar na sequência.

Caro estudante, observe como você enquanto professor/pedagogo necessita revisitar essas caracterizações e informações para assim ter uma prática concisa em Arte, em que elementos fundamentais como movimento, traços, linhas, representam a construção de um conhecimento em Arte para além da mera contemplação.

Figura 4 – Monumentos Neolíticos



Fonte: Wikimedia Commons/Snjeschok e Freepik/Wirestock.



Figura 5 – Cerâmica Neolítica



Cerâmicas da cultura Vinca – período neolítico (Romênia, Hungria e Irã).

Fonte: <https://historiadelarteen.com>.

Outra atividade de destaque e aperfeiçoamento nesse período, são as ceramistas, pois ao aprender a cozinhar a argila, surgem assim vasos com motivos geométricos.

No que se refere a pintura no Neolítico caracteriza-se decorativa, com a valorização de estilo, em que o realismo era abandonado e prevalecia a simplificação e geometrização das imagens, esquemas de substituição por símbolos e signos, formas abstratas.

Dando continuidade, a Arte Egípcia, dispensa apresentação, reconhecimento e/ou justificativa pela sua contribuição para a história da humanidade. Contudo, sua riqueza cultural encanta e nos fascina, um legado indiscutivelmente relevante para a história da Arte. Sua formação cultural com referências dos negros, líbios e semitas, organizados nos nomos, após unificados, sob o comando dos faraós, demonstram a riqueza da referida cultura.

Uma civilização complexa, de extrema relevância para a história da humanidade, com uma organização social e cultural rica. Uma arte dedicada a morte, a qual refletia suas crenças, o papel da religião em sua constituição cultural. Destaca-se o poder religioso, político em uma arte das convenções (PROENÇA, 2002).



A partir da unificação conquistada por *Menés*, as dinastias que se sucederam, no legado de mil anos, observa-se uma cultura em que toda a atividade do povo era influenciada pela religião, politeísta, que acreditava na imortalidade da alma, com túmulos decorados com fórmulas mágicas, e que após a morte a alma voltava ao corpo (GOMBRICH, 1999).

Assim, os povos mais pobres solicitavam aos sacerdotes que desenhassem nas paredes da casa do morto uma figura, para o morto reencarnasse nela e não assombrasse a casa. Os ricos encomendavam a mumificação do corpo, depositados em túmulos de pedra, verdadeiras construções artísticas, subterrâneas (BATTISTONI FILHO, 1991).

Estudantes ao retomar a história do Egito, podemos evidenciar como a Arte se faz parte indissociável para compreensão dessa cultura, escultura, pintura, escrita.

Em sua arquitetura evidencia-se os monumentos funerários e religiosos, com dimensões impressionantes, simplicidade nas formas, policromia (mastabas, pirâmides e hipogeus). As maiores pirâmides conhecidas por todos nós, Queops, Quefren e Miquerinos, tem 148, 126 e 60 metros de altura respectivamente. Essas imensas construções exigiam complexa mecânica e arquitetura.

Figura 6 – Pirâmides Egípcias



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 19.



Na escultura os egípcios primavam pela técnica, nos templos funcionavam escolas de arte e ateliês (BATTISTONI FILHO, 1991). Foram muito eficientes no baixo-relevo, no desenho de incisão.

Figura 7 – Esculturas Egípcias



Escrivo sentado (c. 2500 a.C.), obra encontrada em um sepulcro da necrópole de Sacarã. Museu do Louvre, Paris.



Sarcófago de ouro de Tutancâmon.

Fonte: PROENÇA, 2002, p. 23.

Ao realizarmos a interpretação de uma escultura, ou imagem, estamos realizando a leitura social, cultural e estética do meio, essa ação traz consigo a construção de significado para o mundo verbal, ou seja, desenvolvemos nos estudantes o desenvolvimento psicomotor, a discriminação visual, os quais fazem parte do processo de alfabetização (BARBOSA, 2004).

No que concerne a pintura, os egípcios utilizavam a técnica do afresco, seguiam a lei da Frontalidade, rosto de perfil, olho a frente, tórax de frente, pernas e pés de perfil (a leitura e observação dessas características contribuem para o desenvolvimento motor do estudante, estimulam a percepção visual).

Utilizavam representar imagens, figuras e cenas em faixas horizontais, com ausência do claro-escuro (faixas que você estudante com certeza construiu em seu contato acadêmico com a Arte nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio).



Ainda em Barbosa (2004, p. 32), a autora nos faz refletir “Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para ela na escola. Por quê? Então futuro professor/pedagogo, pense em como em sua prática mudar essa realidade, de que a história da arte é maçante e cansativa. E por meio da reconstrução histórica valoriza a produção humana ao longo dos tempos!

Os egípcios evoluem para técnicas de pontilhismo, papiros ilustrados, pinturas em túmulos, nas paredes. Os artesãos eram criativos na arte decorativa, criavam móveis elegantes e confortáveis; joias, braceletes, pulseiras, colares, peitorais, anéis e as máscaras de ouro para as múmias; ainda técnicas com o vidro, azulejo.

Já ao revistarmos a Arte grega, sabendo que os gregos se constituíram de diversos povos, os quais invadiram a região, tinham dificuldades de comunicação devido ao relevo acidentado da região, o que propiciou comunidades isoladas, com inúmeras ilhas que favoreceram a navegação e o contato com outras culturas da bacia do Mediterrâneo, elementos históricos reconhecidos por historiadores, possibilita-se reconhecer como um contexto que exigiu estratégias e a razão como conhecimento essencial para romper com as adversidades destacadas (FUNARI, 2002).



Sendo assim, a história da Grécia comumente é dividida em três períodos, o arcaico, o clássico e o helênico, cada período com caracterizações específicas de acordo com o desenvolvimento das relações e organizações da sociedade, com o meio e com as relações sociais e culturais presentes.

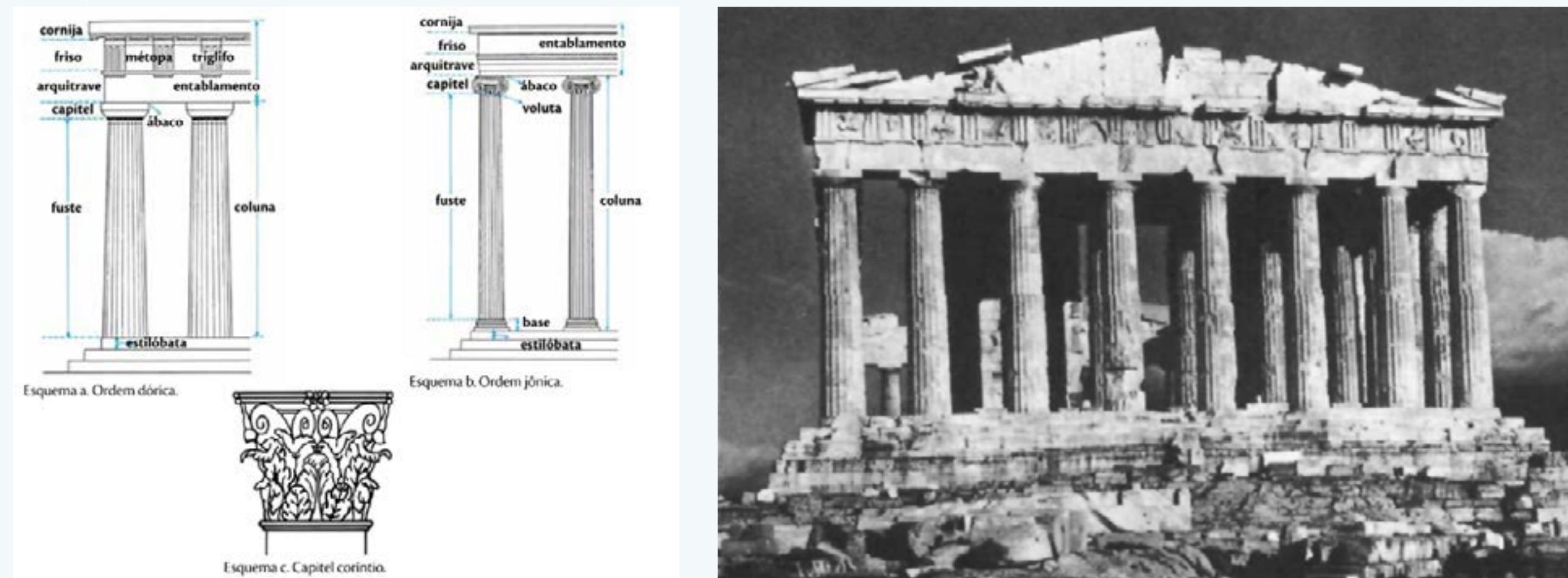
Ao tratarmos sobre as contribuições artísticas, os gregos no que se refere a escultura de acordo com cada período destacado anteriormente, respectivamente, criam e constroem em pedra, madeira e **terracota** (arcaico). No período clássico destacam-se três estilos o dórico, o jônico e coríntio (reconhecidos pela forma e proporções das colunas). Elementos importantes que além de se constituírem como conhecimento cultural, são relevantes para compreendermos como o homem ao longo do tempo aprimora a produção artística em conexão com a evolução da sociedade.

TERRACOTA

Termo de origem italiana que designa um tipo de cerâmica, rígida e durável

Fonte: Dicio.com.br

Figura 8 – Arquitetura Grega



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 33; p. 38.



Caro estudante, ao trabalhar com a Arte grega, a observação, descrição, análise de semelhanças e diferenças demonstram a importância de um trabalho adequado em Arte, em que se pode explorar e desenvolver a capacidade de apreciar e usufruir do conhecimento intrínseco a produção artística, a esse processo entende-se arte/educação (BARBOSA, 2004).

No período helênico, a arquitetura revela suntuosidade, monumentalidade, com escadarias, altares e pórticos (observem a elaboração do vocabulário que se pode explorar para além das caracterizações técnicas destacadas). As cidades gregas nesse momento, obedecem a planos urbanísticos regulares, de acordo com as necessidades coletivas e utilidade pública. Observa-se a organização urbana com edifícios grandiosos, palácios, teatro, biblioteca, templos e altares.

Observem como “Se a arte não é tratada como conhecimento [...] não estamos fazendo nem educação cognitiva nem educação emocional” (BARBOSA, 2004, p. 41). Dessa forma, evidencia-se que o trabalho com história da arte necessita romper com possíveis barreiras entre as áreas do conhecimento, em que todas constituem o processo de formação do estudante, ao explorar caracterizações artísticas as referências históricas são indispensáveis para uma compreensão significativa.

Figura 9 – Escultura do Grega



Deuses combatendo os Gigantes. Do aliar de Zeus em Pérgamo. Erigido cerca de 170 a.C- Berlim. Pergamon- Museum

Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 62.

No que se refere a escultura e pintura os gregos no período arcaico criavam pequenos bronzes geométricos, estatuetas de marfim e terracota, divindades feitas de madeira e revestidas de metal, dotadas de realismo e verdade anatômica, com um sorriso característico, os tipos masculinos eram idealizados (BATTISTONI FILHO, 1991; PROENÇA, 2002).

Figura 10 – Escultura do período Arcaico



Estátua grega segundo o padrão kouros (c. 525 a.C.).

Efebo de Critios (c. 480 a.C.). Museu Nacional, Atenas.

Fonte: PROENÇA, 2002, p. 28.

Figura 11 – Escultura do período Clássico



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 28 e 29.

No helenismo o realismo influencia a escultura, sobretudo nos retratos, com um tom dramático, tentavam capturar a expressão humana, a dor, o trágico.

Já no período clássico, em Atenas, as obras apresentam equilíbrio, organização e sensibilidade, como podemos visualizar na sequência.

Figura 12 – Escultura realista



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 38.

Explorar as esculturas, tanto quanto em relação a estética, como também como artefatos históricos possibilita ao professor ampliar o conhecimento em arte e em história, o que amplia consequentemente a consciência nacional, pois assim compreendemos as influências recebidas de outras culturas (BARBOSA, 2004).



REFERÊNCIAS

- BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena História da Arte*. 4 ed. Campinas: Papiros, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Difel, 1975.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – 3ª versão revisada e homologada pelo CNE, 2017*. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/acontece/bncchomologada/>. Acesso em: 15 de nov. de 2019
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1º e 2º ciclos)*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DELACROIX, Eugène. *Journal. Tome premier, 1822-1852*. Nouvelle édition, publiée d'après le manuscrit original avec une introduction et des notes par André Joubin. Paris: Librairie Plon, 1932.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2002.
- FUSARI, F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 16ed. Rio de Janeiro, LTC, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação Educacional Escolar: Para Além do autoritarismo*. In: ANDE, 5 e 6: 47-51 e 47-49, 1986.
- LUCIEN-SMITH, Edward. *Arte Moderna, História da Arte e crítica em Arte*. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/ Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo, Cortez, 2005.
- PROENÇA, G. *História da Arte*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *La Imaginacion y el Arte en la Infancia*. 2 ed. Madri : Akal Bolsilio, 1990.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [1] – Kaite Zilá Wrobel Luz

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Ernando Brito Gonçalves Junior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhadt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Element5/Unsplash
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [2]

Parte 2 de 3 do Material Teoria e Metodologia do Ensino da Arte da disciplina ministrada pela professora Käite Zilá Wrobel Luz.

Sumário

- Unidade 1 - História da Arte (continuação)
- Da Arte Medieval a Arte Moderna
- Referências



Unidade 1 - História da Arte (continuação)

Da Arte Medieval a Arte Moderna

Ao tratarmos da época medieval, período histórico que amplia a continuidade de nossa retomada dos pressupostos da história da arte, é impossível não correlacionarmos com o cristianismo e seu apogeu, que conseguiu agregar fontes judaicas, os mistérios e a filosofia helenística.

No que compete ao conhecimento histórico da Arte especificamente, aponta-se a escolástica como influência central na Idade Média, principalmente na música e no gótico. A Igreja Católica era na Europa Medieval a instituição mais rica, centralizada e universal, respeitada em todo o território europeu, monopolizou a cultura, fundou escola e universidades, o que nos evidencia a sua incontestável submissão da arte a seu poder nesse período (PROENÇA, 2002).

Contudo, importante ressaltar, que o período medieval e feudal não se constitui apenas da Europa, outras civilizações, como a bizantina e árabe contribuíram em manifestações culturais, como na filosofia, na ciência, na arte e na conservação das culturas gregas e romanas.

Na Arte Bizantina, destaca-se o imperador Justiniano que incentivou a economia, cultura, artes e letras. Como características observa-se,



[...] desconhecimento do volume, a perspectiva é ignorada, o seu espaço não tem profundidade. Vê-se por toda parte superfícies planas, mortas. É uma arte que perde o sentido do corpo humano, preocupando-se mais o divino, expressão do ardente cristianismo oriental ou ortodoxo. É uma arte da cor, onde a forma é substituída pela decoração (BATTISTONI FILHO, 1991, p. 49).

Na arquitetura a cúpula e a planta de eixo central ou da cruz grega destacam-se. Aperfeiçoaram a técnica de cobertura, cúpulas grandiosas, para imprimir o poder absoluto, com arcos e tambores revestidos de brilhantes mosaicos coloridos e dourados. As igrejas desse período representam e expressam a suntuosidade e a religiosidade.

Destaque deve ser considerado ao medievo na Arte em explorar toda a influência religiosa e como a crença, o misticismo e a diversidade cultural impactaram nas produções artísticas, explorar não apenas a apreciação, assim como a relevância espiritual e o poder da igreja católica nos costumes e valores do momento histórico.

Imagem 1 – Igreja de Santa Sofia, Istambul



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 56.

Imagem 2 – Igreja de São Marcos, Veneza



Fonte: Museu de Veneza.

A escultura não teve grande expressão como a arquitetura na arte bizantina, isso se deu a questão de não desejarem a associação de estátuas ao paganismo, a ênfase nas cores e não a forma, embates entre imperadores e padres e a influência da pintura árabe (BATTISTONI FILHO, 1991; PROENÇA, 2002).

A pintura bizantina apresenta-se em outro contexto, rica e com famosos mosaicos, cubos de mármore colorido, terracota e esmalte presos a parede, os mosaicos eram colocados nas partes altas para receber iluminação e maior destaque decorativo. Duas escolas do Império Bizantino em afrescos apresentam relevância a Macedônica e a Cretense. A influência das técnicas e formas da pintura bizantina foi significativa no mundo ocidental, seus tecidos eram famosos.

A arte árabe tem por maior característica, o ecletismo, pois tinham poucas raízes artísticas, tiveram influências de Bizâncio (cúpula, coluna e arco) e de outras referências culturais. A arquitetura destaca-se pelo luxo interior, com lindas colunas torcidas, contudo, sua maior realização a arquitetura é a mesquita, com um pátio circundado, no centro uma fonte, dentro encontra-se uma sala enorme, com torres.

As artes decorativas como os arabescos, as miniaturas, ilustrações de livros ou pergaminhos tem grande destaque na arte árabe. Assim como a cerâmica, com os ladrilhos recortados, os tapetes majestosos, exportados para diversos centros comerciais.

Imagem 3 - Exemplo de pintura bizantina



1511 Mãe de Deus Odigitria de Jerusalém, ícone russo de Novgorod do início do século XVI.

Fonte: PROENÇA, 2002, p. 60.

Por fim, a arte gótica, que evidencia um momento importante do pensamento medieval, inovando a estrutura das igrejas católicas, definida em quatro períodos, a saber, do século XII, do século XIII, do século XIV e do século XV; em que se destacam mudanças nos arcos.

Imagem 4 – Catedrais de Notre-Dame e Chartres, França



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 75, 77.

Imagem 5 – Manuscrito do Corão



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 91.

A pintura gótica realça-se nas miniaturas e iluminuras (decoração e ilustração em livros) feitos a mão, de inspiração religiosa até o século XII, com a invenção da imprensa desaparece, dando lugar a ilustrações feitas de gravuras de metal ou madeira.



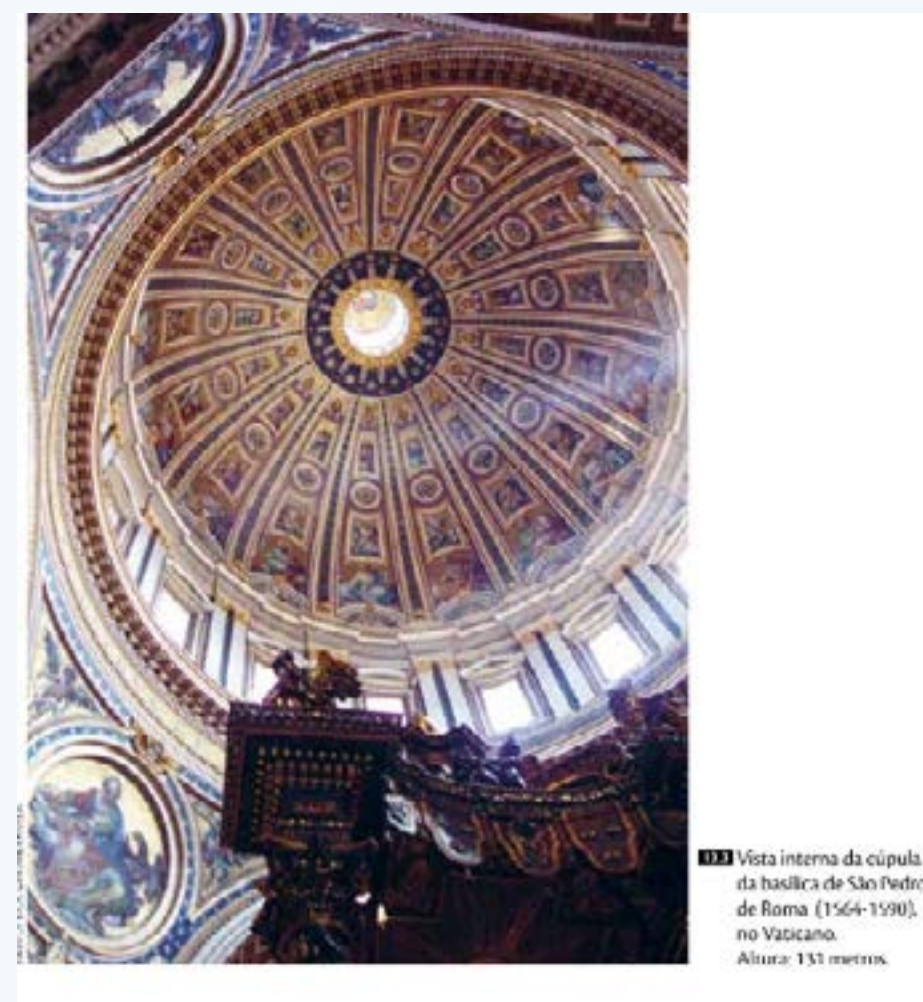
Ao final da Idade Média muitas transformações ocorreram na Europa, com o renascimento comercial e urbano, resultando em um renascimento cultural e artístico também, em uma nova visão de mundo, navegações no Mediterrâneo proporcionando contato com a cultura bizantina, islâmica e grega clássica. Com isso os italianos incentivaram o movimento cultural e artístico em ascendência.

Outros valores começam a ser construídos como valorização do indivíduo, a natureza vista de forma crítica, a ciência em ênfase, estudando e pesquisando como a sociedade funcionava, transpondo limites entre a ciência e a religião. A História passou a ter um papel de investigar as culturas anteriores, entender de onde vinham os modelos até o momento influentes na cultura.

Dentro desse contexto, o desenvolvimento econômico das cidades italianas contribuiu e alicerçou o movimento, com condições sócio econômicas robustas para financiar o renascentismo. Em uma perspectiva estética o Renascimento caracteriza-se,

[...] a- Arte como estudo da natureza [...] b- Arte como propósito moral [...] c- A pintura e a escultura são coisas do espírito [...] d- Descobrimto da perspectiva científica e a elaboração das teorias matemáticas da proporção (BATTISTONI FILHO, 1991, p. 67).

Imagem 6 - Basílica de São Pedro



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 133.

Na pintura observa-se uma preocupação em reproduzir a realidade de forma idealista, a própria pintura da paisagem não necessita mais dos personagens para existir, o claro e escuro passam a ser utilizados nos quadros, não procuram apenas a beleza, mais também a nobreza e grandeza. Nomes de destaque do momento renascentista Sandro Botticelli, Leonardo da Vinci, Ticiano, Rafael e Miguel Ângelo.

A arquitetura renascentista apresenta a coluna, capitéis suspensos, cornijas salientes, janelas de dupla abertura e altos relevos, pois procura reviver modelos greco-romanos, adaptando-os ao gosto da época e das transformações da sociedade.

Imagem 7 - A criação do Mundo de Michelangelo, Vaticano



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 103.



No contexto da escultura renascentista o destaque também é de Miguel Ângelo, pelo desenho e volume, suas pinturas apresentam caráter escultórico. Outra referência foi Donatello, figuras expressivas e intensas da verdade humana e Benvenuto Cellini.

Caro estudante observe que aqui retratamos de forma bem objetiva e sintética toda a importante influência da arte bizantina, árabe e gótica. Com base em Battistoni Filho (1991), Proença (2002) e Gombrich (1999), você poderá aprofundar as contribuições das referidas culturas para a história da arte e da humanidade, como patrimônio cultural.

Da mesma forma ao tratarmos da arte barroca, a saber que o Barroco como estilo artístico, apresenta-se vinculado os acontecimentos históricos, religiosos, econômicos e sociais, os quais são relevantes de significado para a humanidade. Como exemplo temos os governos absolutistas europeus, manifestações identificadas na escultura, arquitetura e pintura. Contudo, após a Reforma Protestante, muitos dogmas foram ressignificados pela Igreja Católica, tendo que diminuir seus abusos de poder.

Assim, a cultura barroca foi instrumento ideológico da burguesia, classe em evidência nesse momento histórico. Na arquitetura o Barroco observa-se plantas dinâmicas, complexas e irregulares, com figuras ovais, paredes côncavas e convexas. Seus três grandes temas são a igreja, a cidade e o palácio.

Imagem 9 – Jardim do Palácio de Versalhes, França



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 141.

Imagem 8 – Exemplo de escultura Barroca



1352 Éxtase de Santa Teresa (1645-1652), escultura de Bernini.

Fonte: PROENÇA, 2002, p. 138.

O rococó que complementa o estilo Barroco, evidencia-se pelas decorações exageradas, a voluta é substituída pela concha, que tem origem no francês *Rocaille*, que deu origem a expressão rococó. Com a vinda dos jesuítas ao Brasil, e a presença do arquiteto Francisco Dias as referências do Barroco encontram-se na arquitetura brasileira.



Imagem 10 – Exemplos de pintura Barroca

No que concerne a pintura no estilo Barroco a influência de recursos ilusionistas, ou seja, técnicas que ampliam o espaço, dando a impressão de maior amplitude. Outra característica é o forte contraste entre luz e sombra.



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 146.

Imagem 11 – Igreja de São Francisco, Minas Gerais



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 153.

O destaque da escultura barroca, é a diversificação do uso dos elementos escultóricos, que muitas das vezes são confundidos com a própria arquitetura, além do movimento das peças barrocas, e as técnicas de execução com diversos tipos de materiais, com efeitos admiráveis (mármore, bronze, estuque, madeira, terracota e porcelana).

A escultura barroca inicia-se na Itália, tem representantes na Espanha e também no Brasil, com Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



Ao seguirmos com nossa reconstrução histórica com a finalidade de lembrar a história da arte em consonância com a história da humanidade, reconhecendo assim a importância das manifestações e produções artísticas na transformação e reorganização das sociedades ao longo dos tempos, como não perpassarmos o advento da Revolução Francesa, e como este influenciou a arte, o que se refere ao século XIX, com o neoclassicismo.

O que salientamos então no neoclassicismo como manifestação contrária ao estilo rococó, vinculado as modificações da sociedade, ou seja, ao antigo regime; assim o movimento em vez de seguir por novas perspectivas artísticas, acaba por uma volta ao a cultura clássica, com intuito de resgatar a cultura greco-romana, em alinhamento a interesses da burguesia manufatureira e mercantil em ascendência. O que refletiu em uma arte acadêmica, convencional, dotada de um racionalismo cartesiano e científico.

Na arquitetura nota-se características gregas. Na escultura desenvolvem-se temas idílicos e eróticos; na pintura procura-se expressar temas revolucionários.

Imagem 12 – Portão de Brandemburgo, Alemanha



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 172.



No Brasil o neoclassicismo está presente na Missão Artística Francesa (1816), com a missão de fundar a Academia de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Outra referência é Jean Baptiste Debret, que registrou cenas da vida carioca, assim como informações históricas de D. Pedro I, além da escravidão negra e cenas dos indígenas. Como também Nicolas Antoine Taunay encantado pela paisagem tropical e a luminosidade da natureza.

Em continuidade as manifestações artísticas no século XIX, o romantismo com uma prevalência dos valores emocionais sobre os intelectuais, surgiu na Europa aproximadamente em 1820. Os artistas partiam das inspirações de acontecimentos passados, fatos contemporâneos, a luta por liberdade, sentimentos nacionalistas, enfatizam a volta a natureza.

Imagem 13 – Chuva, Vapor e Velocidade, de Turner



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 179.

A arquitetura teve o gótico revisitado, como também o estilo exótico chinês, hindu e árabe. Na escultura direciona-se para o barroco, composição diagonal, massa e linha. E na pintura busca-se exagerar no colorido, pinceladas volumosas, com certa aspereza.



Destaca-se na arte do século XIX e início do século XX, com movimentos neoclássicos, românticos, realistas, como as transformações políticas, econômicas, sociais, culturais, enfim como o movimento do fazer humano influenciam as manifestações e produções artísticas, o que enquanto professores nos possibilita explorarmos e aprofundarmos em nossos estudantes uma análise crítica, em que arte é parte da construção histórica humana, e não um conhecimento desconectado da realidade das sociedades.

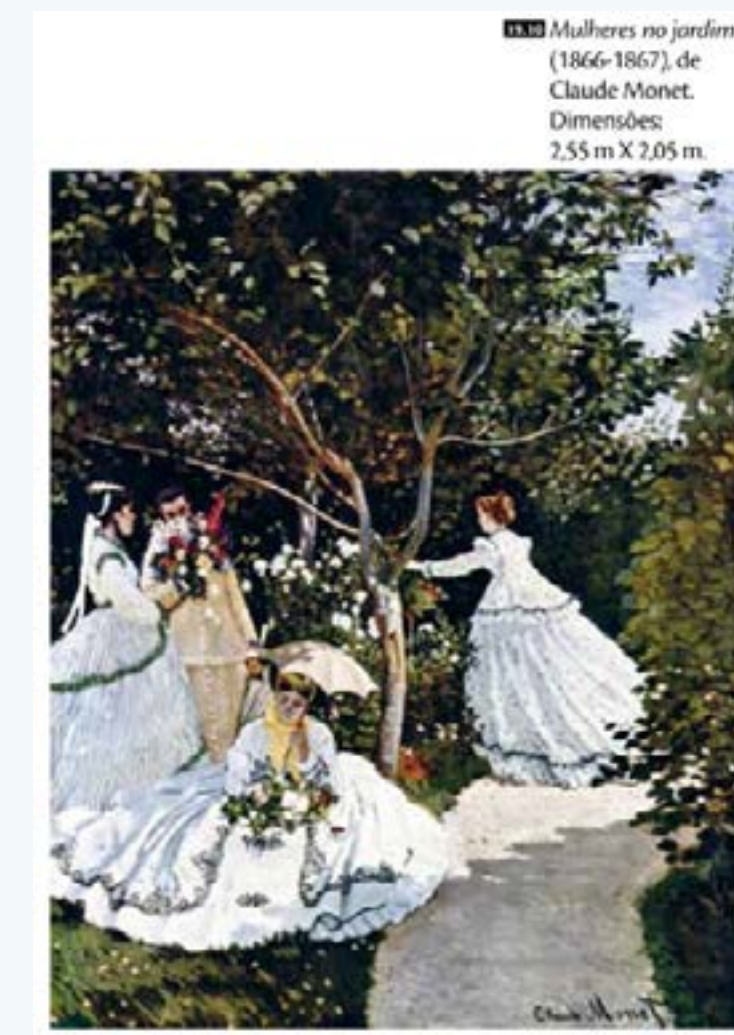
Entre o período de 1850 a 1900, evidencia-se um momento favorável a esse movimento, segunda Revolução Industrial, o realismo, em que se buscava romper com o passado e a individualização industrial. Na arquitetura prevalece a satisfação das necessidades individuais, com o uso de ferro, cimento, vidro e concreto armado, criam-se arranha céus, estruturas metálicas, observa-se a tentativa de unir arte e produção industrial. Os escultores propõem ideais políticos, por uma escultura social. Já a pintura realista recusou tanto o neoclassicismo como o romantismo, utiliza-se de temas a partir dos métodos científicos, denuncia injustiças, exploração, miséria em contraponto com a riqueza.



Já no impressionismo, importante movimento na pintura que ocorreu com destaque na França, entre 1860 a 1890, principais representantes Courbet e Turner, revelaram uma nova visão plástica do mundo, que contribuíram para a formação das primeiras escolas modernas de pintura do século XX, combatiam as convenções da arte oficial.

O impressionismo iniciou-se por meio de um grupo de jovens e desconhecidos pintores, entre eles Claude Monet, a princípio não foram bem compreendidos por ignorarem a beleza, as regras e os princípios institucionalizados no campo artístico. Contudo continuaram com suas exposições, e foram reconhecidos quando o governo francês criou o Museu dos Impressionistas, em 1927.

Imagem 14 - Mulheres no Jardim, de Monet



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 212.

Os maiores pintores impressionistas são Monet, Renoir e Cézanne. Vale ressaltar que para entender uma obra impressionista, alguns princípios são necessários,

Quadro 1 - Análise impressionista

Tonalidade

Exemplo 1: em que a incidência da luz do sol traz o movimento inerente da natureza a pintura.



- A cor não é uma realidade constante na natureza.

Linha Sombra Cores

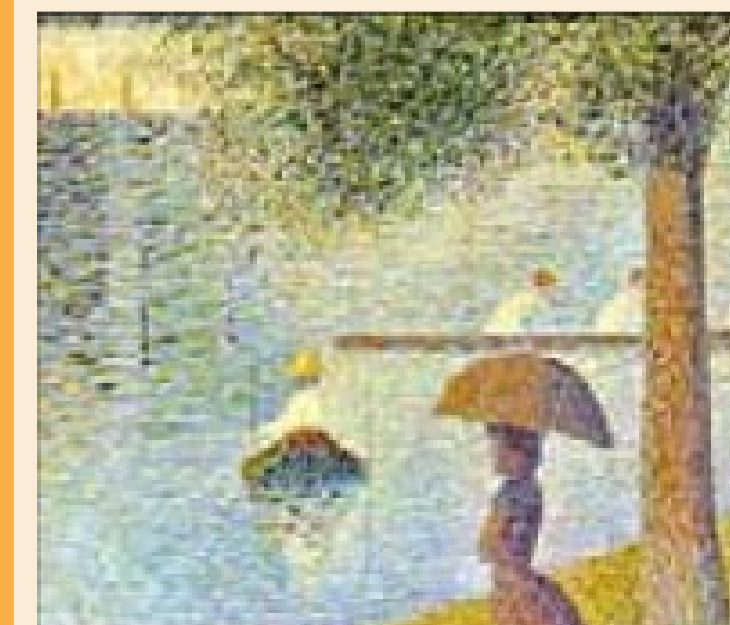
Exemplo 2: observe como não são as linhas que definem a imagem.



- Não existe na natureza, é uma abstração, a forma constitui-se pelas vibrações luminosas.
- Não são pretas, nem escuras, são luminosas e coloridas, são cores e luzes de outras tonalidades.
- Se contrastam, se influenciam, são complementares.

Divisão/Dissociação

Exemplo 3: O pontilhismo como evolução da construção da imagem no impressionismo.



- Pinceladas miudinhas, virguladas, para sugerir vibrações luminosas, cores secundárias (pontilhismo, neoimpressionismo).

Fonte: Elaboração própria com base em Battistoni Filho, 1991, p. 107.

Exemplo 1: "A ponte japonesa" (1899), Claude Monet. Disponível em PROENÇA, 2002, p. 2007.

Exemplo 2: "Impressão, nascer do sol" (1873), Claude Monet. Disponível em PROENÇA, 2002, p. 212.

Exemplo 3: "Tarde de domingo na Ilha de Grande Jatte" (1884), de Sauret. Disponível em PROENÇA, 2002, p. 218.

Ao adentrarmos no período moderno, o estilo artístico denominado, Modernismo, observa-se na pintura o *expressionismo* o qual apresenta o objetivo de dramatizar, angustiar, provocar sensações dolorosas, deformar a imagem visual, alcançando a caricatura, o pintor segue sua sensibilidade, abusam dos contrastes, vivendo o mundo do drama. Seu grande influenciador foi Vicent Van Gogh, o pintor de destaque do movimento foi Edward Munch.

Imagem 15 – A ponte japonesa, de Monet



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 207.

Imagem 16 – A dança, de Matisse



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 253.

Outro movimento de relevância no modernismo foi o *faunismo*, esses pintores eram assim denominados por serem considerados pela crítica da época de pinturas selvagens, *fauves* (em francês, feras). Acreditavam que o artista devia expressar seus impulsos, sensações por meio de formas simples e cores puras, com espontaneidade.



**Imagem 17 – Les Demoiselles d’Avignon,
de Picasso**



Fonte: PROENÇA, 2002, p. 256.

O *cubismo*, se configurou como uma tendência artística que procurou traduzir a visão com a ajuda das formas geométricas, restaurou a sensação da estrutura total dos objetos, decompondo em planos, em uma geometria do espaço, ordenando os diversos planos. Divide-se o cubismo em três etapas, a saber, Cubismo Cezaneano, Analítico e Sintético.

No *dadaísmo* e *surrealismo*, evidencia-se a influência da primeira guerra mundial, provocando revolta contra tudo que representava a atrocidade e opressão. A guerra acabou com grupos artísticos que vinham em ascendência. Nessa conjuntura de horror e decepção, um grupo de jovens artistas decidiu expressar por meio da arte todo esse sofrer. Partiram então por negar tudo, em uma crítica satírica e implacável a sociedade capitalista. Em continuidade ao dadaísmo, surge o surrealismo, que se propõe a descobrir formas que o consciente não conhece.

Imagem 1 – Casal com as cabeças cheias de nuvens, de Dali



21.7 Casal com as cabeças cheias de nuvem (1934), óleo sobre madeira de Salvador Dalí. Dimensões: 91 cm X 61 cm. Coleção particular, Sussex.

Fonte: PROENÇA, 2002, p. 269.



Ainda no período modernista, o *abstracionismo* surge com uma pintura em que se pretende dissociar as formas e cores da realidade visual. Existem dois tipos de abstracionismo na história da Arte, o informal (sentimento e emoção) e o geométrico (perfeição total).

Caro estudante, destacamos caracterizações, abreviamos explicações mais técnicas, contudo, por meio dos autores referenciados ao longo da exposição didática você poderá aprofundar sobre mais elementos da história da arte. Nosso intuito foi de forma objetiva reconstruir a história da arte, e destacar a importância dessa retomada para uma atuação mais concisa na Arte para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental.

A História da arte ajuda as crianças a entender algo do lugar e tempo nos quais as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto. A estética esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade do que é visto (BARBOSA, 2004, p. 37).



Referências

- BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena História da Arte*. 4 ed. Campinas: Papiros, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Difel, 1975.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – 3ª versão revisada e homologada pelo CNE, 2017*. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/acontece/bncchomologada/>. Acesso em: 15 de nov. de 2019
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1º e 2º ciclos)*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DELACROIX, Eugène. *Journal. Tome premier, 1822-1852*. Nouvelle édition, publiée d'après le manuscrit original avec une introduction et des notes par André Joubin. Paris: Librairie Plon, 1932.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2002.
- FUSARI, F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 16ed. Rio de Janeiro, LTC, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação Educacional Escolar: Para Além do autoritarismo*. In: ANDE, 5 e 6: 47-51 e 47-49, 1986.
- LUCIEN-SMITH, Edward. *Arte Moderna, História da Arte e crítica em Arte*. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/ Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo, Cortez, 2005.
- PROENÇA, G. *História da Arte*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *La Imaginacion y el Arte en la Infancia*. 2 ed. Madri : Akal Bolsilio, 1990.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [2] – Kaite Zilá Wrobel Luz

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Ernando Brito Gonçalves Junior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhadt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Element5/Unsplash
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [3]

Parte 3 de 3 do Material Teoria e Metodologia do Ensino da Arte da disciplina ministrada pela professora Käite Zilá Wrobel Luz.

Sumário

- Unidade 2 - A Arte na História da Educação Brasileira
- 2.1 O ensino de Arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental
- Considerações Finais
- Referências



Unidade 2 - A Arte na História da Educação Brasileira

Após reconstruirmos a história da arte em aspectos objetivos, didáticos e gerais, com intuito de reavivar conceitos, fundamentos e a memória das produções artísticas, as quais são patrimônio histórico e cultural da humanidade; nessa unidade a proposta é discutir como a disciplina de Arte se constituiu dentro do contexto dos anos iniciais do ensino fundamental na história da educação brasileira.

Sendo assim, o ensino de Arte é influenciado pelas tendências tradicionais e escolanovistas que fizeram parte da conjuntura da educação nacional, tendências que até hoje estão presentes em opções metodológicas de professores, não só de Arte. No século XX teremos “as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes” (BRASIL, 1997, p. 22), com um caráter imediatista, utilitarista, valorizando as habilidades manuais e dons artísticos.

A configuração para o ensino de Arte evidencia-se dentro de modelos rigorosos numa perspectiva tradicional, em que os recursos se limitavam a manuais e livros didáticos, com padrões estéticos estereotipados e a experiência em Arte com as disciplinas de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico (BRASIL, 1997) era funcional direcionada ao bom desempenho no futuro mercado de trabalho, com orientações e conhecimentos limitados.



Atividades envolvendo teatro e dança se faziam presentes em festividades apenas, para cumprir com ritos sociais, linguagens artísticas importantes reduzidas a exercício da memorização, e/ou como auxiliares das demais áreas do conhecimento.

A música trabalhada no Canto Orfeônico, em um projeto desenvolvido pelo compositor Heitor Villa-Lobos, na década de 1930, acabou por contribuir “idéias de coletividade e civismo, princípios condizentes com o momento político[...]” (BRASIL, 1997, p 22). O qual foi substituído por Educação Musical com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961.

Entre as décadas de 1920 e 1970, ocorre uma mudança de tendência no ensino de arte, a qual passa ser fortemente influenciada pelo movimento da escola nova e pelo movimento de Arte Moderna. Dando agora ênfase a individualidade do estudante, seu processo de desenvolvimento e criação. Nesse momento, as aulas de Desenhos e Artes Plásticas assumem objetivos direcionados a expressividade, espontaneidade, invenção, autonomia e descobertas.

Imagem 1 – Semana da Arte Moderna

As mesmas mudanças de concepção pedagógica são evidenciadas no ensino de música, que passa a “ser sentida, tocada, dançada, além de cantada [...]” (BRASIL, 1997, p. 23). A Semana de Arte Moderna de 1922 proporcionou uma abertura para novas manifestações artísticas, música, dança, artes plásticas, enfim um movimento que valoriza a arte para além dos muros das escolas, como manifestação cultural da sociedade moderna.



Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural / Capa do programa da Semana de Arte Moderna de 22, autoria de Di Cavalcanti. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Ao final da década de 1960, e decorrer de 1970 observa-se a tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas dentro da escola com os acontecimentos em arte fora da escola, como festivais de canção e peças teatrais, com grande engajamento dos jovens.



Contudo, a realidade do ensino de arte ainda estava muito arraigada a uma perspectiva secundária, em que a hierarquia das disciplinas desconhecia a importância “[...] da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento.” (BRASIL, 1997, p. 24). Pois, cursos de formação de professores em Artes era quase inexistente até 1960.

Com o advento da Lei 5692/1971 “[...] a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina.” (BRASIL, 1997, p.24). A que se considerar que a inclusão do ensino de Educação Artística foi um avanço, proporcionou uma valorização da Arte como elemento importante na formação do sujeito. Porém, barreiras como falta de formação adequada, despreparados frente ao trabalho que deveriam realizar de várias linguagens artísticas como Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas, não contribuíram para efetivação de um trabalho pedagógico de qualidade.

Nessa conjuntura, aos professores com formação em Arte de curta duração acabavam por ficar limitados a documentos oficiais (guias curriculares) e livros didáticos, com pouca e superficial orientação teórica-metodológica, assim como sem referencial adequado. Assim, entre 1970 a 1980, a situação dos professores que passaram por Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e agora Educação Artística acabam por não dominarem os saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte.



Dessa maneira o que vigora na materialidade,

[...] do ponto de vista da arte, em seu ensino e aprendizagem foram mantidas as decisões curriculares oriundas do ideário do início a meados do século 20 (marcadamente tradicional e escolanovista), com ênfase, respectivamente, na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. Os professores passam a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. Conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e conhecer artistas, objetos artísticos e suas histórias não faziam parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em Arte nessa época (BRASIL, 1997, p. 24).

Na década de 1980, com o movimento Arte/Educação observa-se primeiramente o intuito de organizar e conscientizar as questões que envolvem formação formal e informal dos professores, em seguida as discussões se ampliam e propiciam uma avaliação da situação do professor que ministra Arte na realidade educacional da época, o qual visualiza a insuficiência de conhecimentos e fragilidade em sua prática educativa na referida disciplina.



Após a promulgação da Constituição de 1988, iniciam-se debates no sentido de elaborar uma nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, no que se refere a situação da Arte especificamente, a resistência caracterizou-se para não se concretizar propostas que retiravam a obrigatoriedade da área. Dessa forma, o que se materializa na lei “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, §2o).

No que concerne a continuidade do movimento **Arte/Educação** avançou-se significativamente não apenas na conscientização dos professores da área como em “[...] novas metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas” (BRASIL, 1997, p. 25).

A partir da década de 1990, consolidam-se embates importantes para valorização da área do conhecimento em Arte, buscando superar a nomenclatura Educação Artística, organizando uma estrutura curricular com conteúdos próprios enfatizando a cultura artística. Para o século XXI busca-se avançar ainda mais na abrangência da área, assim como, na melhoria do ensino e aprendizagem no ensino de Arte.

As referências direcionam-se para “[...] a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica” (BRASIL, 1997, p. 25).

As discussões que envolvem integração entre o fazer, a apreciação e a contextualização artística são indicações da “Proposta Triangular para o Ensino da Arte”, criada por Ana Mae Barbosa e difundida no País por meio de projetos como os do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e o Projeto Arte na Escola da Fundação lochpe (BRASIL, 1997, p. 25).



No contexto brasileiro no que se refere a teoria e a prática no ensino de Arte evidencia-se uma falta de correlação, produções teóricas fora do alcance tanto no acesso quanto a uma formação insuficiente que dificulta que essas compreensões cheguem a realidade educacional, prevalecendo visões distorcidas e reduzidas da área.

Vamos visualizar essas distorções por meio de uma multiplicidade de ações desconectadas, em que o professor procura adequar as atividades como auxiliares do cotidiano escolar:

Figura 2 - Arte na escola



Desenho com atividades reproduzidas (xérox, mimeógrafo).



Música em momentos específicos da rotina, hora do lanche, entrada.



Visitas sem roteiro e objetivo educativo.

Referências das imagens

Freepik / Freepik
Graphiqastock / Freepik
Kjpargeter / Freepik
Storyset / Freepik



Os exemplos elencados demonstram linguagens artísticas importantes da área do conhecimento da Arte trabalhados de forma desconexa, os quais acabam por não explorar a natureza do conhecimento artístico, prejudicando a delimitação do espaço da Arte no currículo escolar, impossibilitando “[...] formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica” (BRASIL, 1997, p. 26). A partir dessas inquietações explicita-se a urgência em refletir-se sobre essa realidade da Arte no ensino fundamental.

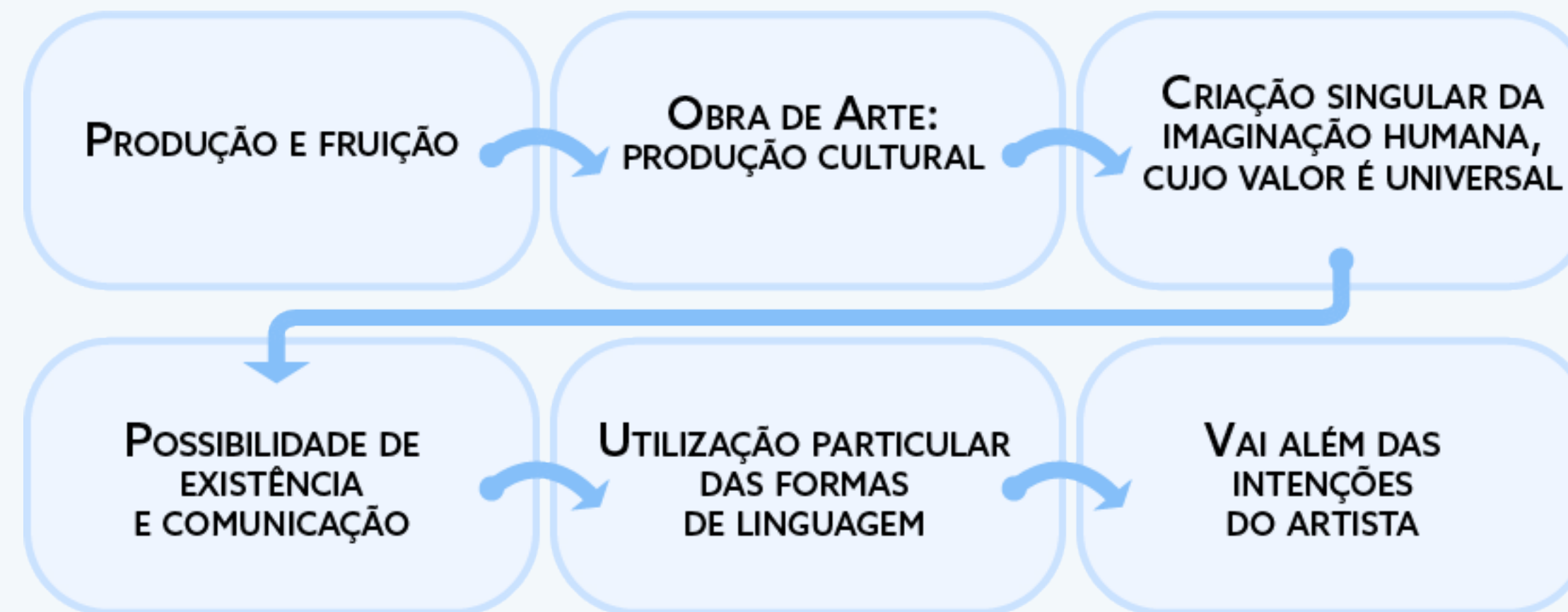
Figura 3: Vamos pensar? Como ensinar e aprender arte



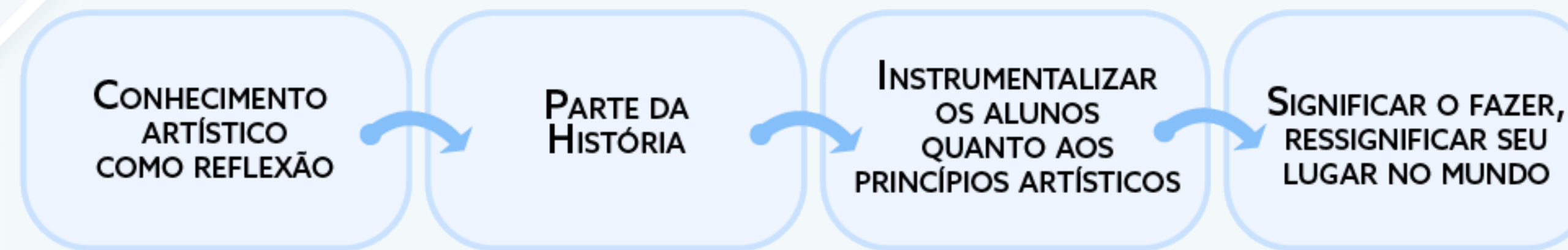
Fonte: Elaboração própria com base em BRASIL, 1997.



Portanto, com o objetivo de relacionar a Arte com a formação dos alunos do ensino fundamental, como objeto de produção do conhecimento, se faz necessário refletir algumas características do fenômeno artístico.



Pensar no fenômeno artístico é pensar na obra de arte, como produção humana, manifestação e corporificação de ideias, sentimentos, reflexões e análises da realidade cotidiana, fruídas por meio de linhas, formas, cores, texturas, altura, timbre, intensidade, ritmo, personagens, espaço, texto, cenário, movimento, desenho no espaço e composição.



Dessa forma, o conhecimento artístico possibilita e desenvolve a experiência poética, percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade, flexibilidade, experiência de interação, como documento do imaginário humano, registro de sua historicidade e sua diversidade.

Portanto, “A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas [...]” (BRASIL, 1997, p. 33). Possibilita a humanização do homem histórico, consciente de sua cultura, de sua constituição real, concreta. Um homem conectado com memória histórica e artística.

2.1 O ensino de Arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Quadro interativo 1 - Arte

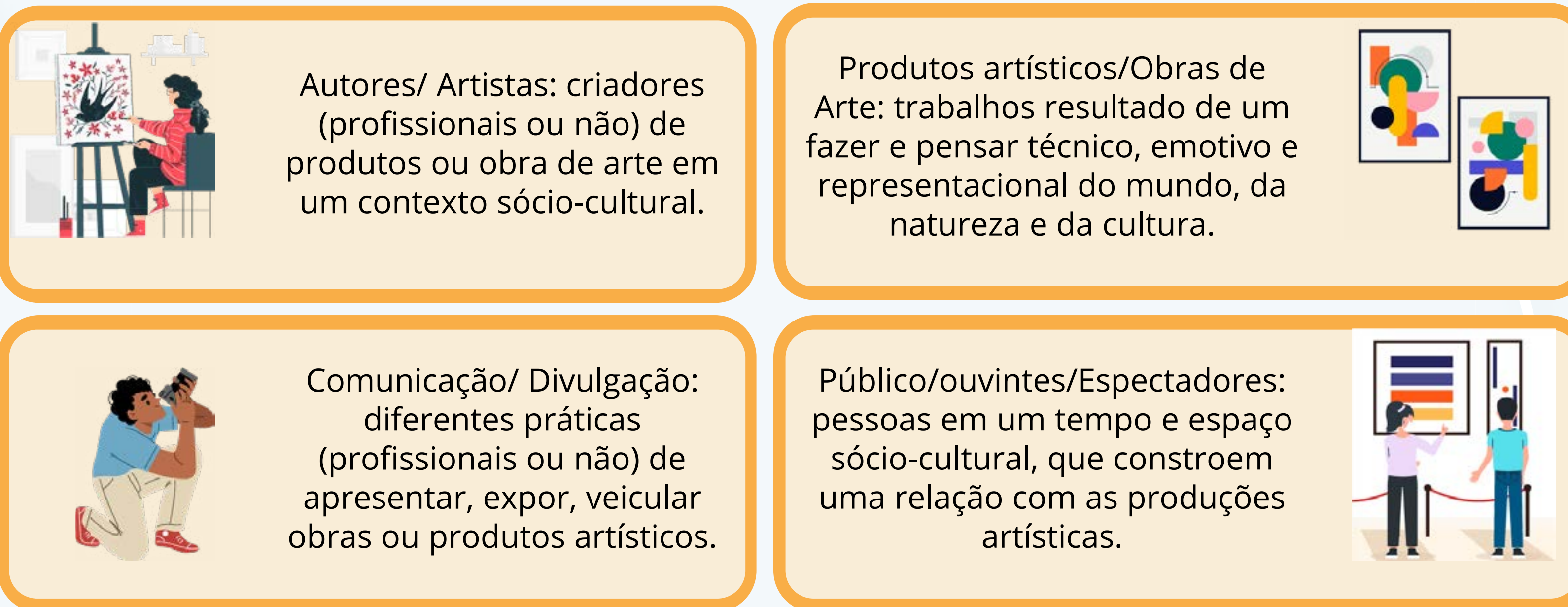


Fonte: Elaboração própria com base Fusari; Ferraz, 1999.



Logo por meio das respostas destacadas na imagem anterior, explicita-se a importância da clareza necessária ao professor que irá trabalhar com a disciplina de Arte sobre entender a função da área para a formação do aluno e para a sociedade, não reduzindo-a a mero instrumento para desenvolver a criatividade, sensibilidade e percepção, mais em si mesma como objeto de estudo (BARBOSA, 1975).

Assim, que componentes se articulam ao processo artístico?



Fonte: Elaboração própria com base em Ferraz; Fusari, 1999.

Referências das imagens

Freepik / Freepik
Stories / Freepik
Upklyak / Freepik



Ao considerar a Arte em sua relação com as práticas sociais e culturais, mobilizam-se múltiplas visualidades, sonoridades, falas, movimentos, cenas, consciências, interpretações, formas, cores, que representam as interrelações artísticas e estéticas do processo histórico e social da humanidade. Sendo assim, a Arte configura-se como área do conhecimento, e pode ser ensinada e aprendida na escola.



Como organizar a prática pedagógica em Arte?

Imagem: asier_relampagoestudio / Freepik

Primeiramente ressalta-se que a escola não é o único lugar para se aprender Arte, a que se considerar outras instituições sociais e culturais como família, museus, teatros, igrejas, meios de comunicação; conhecem e interagem com produções artísticas, com uma realidade criativa, estimulante, assim como, também se evidenciam estudantes que são privados ao acesso as diferentes manifestações artísticas e estéticas. A escola nesse contexto, pode ampliar o trabalho com Arte, desde que os conteúdos objetivem,



[...] noções a respeito de arte produzida em produção pela humanidade, inclusive nos dias de hoje (incluindo artistas, obras, espectadores, comunicação dos mesmos) e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais, cênicas, audiovisuais). Isso significa trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo, etc) sempre articulado e complementado com as vivências e apreciações estéticas da ambiência cultural (FERRAZ; FUSARI, 1999, p.20).

Como identificar a importância da Arte para o indivíduo e para a sociedade:

Considerar a arte popular como meio de se aproximar das vivências dos estudantes.

Valorização das preferências artísticas estéticas dos estudantes.

Procedimentos adequados, não reduzir o currículo de arte, um projeto educativo significativo.



Dessa maneira, no caso de crianças da educação infantil e anos iniciais, os professores precisam estar cientes das características de cada faixa etária, interesses e direitos culturais. Como mediador necessita articular as vivências em arte dos estudantes, com os novos saberes a serem aprendidos. Valorizar o olhar, sentir, ouvir, pegar, comparar, entender, interpretar o mundo artístico com a natureza e o mundo cultural.

Desde muito cedo em seu viver a criança está inserida nas práticas sociais e culturais, seja na família, na comunidade, e assim, descobre, aprende, experiencia, esse mundo, socializa. Nesse intenso viver, percebe, abstrai, memoriza, as coisas e os objetos, identifica semelhanças e diferenças, cores, materiais, sons, melodias, gestos, tempos, espaços; experiências essas afetivas (família) e/ou natureza (visuais, sonoras).

Hoje também se constata outras experiências relevantes como a industrialização, tecnologias, mundo eletrônico e das mídias. A partir de todos esses elementos, o cotidiano e as vivências desenvolvem gostos, desgostos, conceitos de beleza, feio, enfim a criança participa e produz de maneira ativa manifestações artísticas e estéticas.



Vale refletir como se dá esse processo de formação do conhecimento da arte pela criança:

Expressividade infantil: naturalmente, motivada pelo desejo de descobrir, por meio de sensações, sentimentos, percepções, um processo de articulação interna com os outros e com os ambientes. Desenvolve linguagem própria carregada de significados.

Percepção: a criança percebe desde cedo que o mundo das formas tem sentidos diversos; aprendem a nomear os objetos, suas utilidades; contudo, para desenvolver a percepção necessita da mediação do professor para aperfeiçoá-la.

Imaginação e fantasia: a atividade imaginativa é uma atividade criadora da criança (reformulação de experiências vivenciadas e elementos do mundo real); quanto maior o número de experiências mais desenvolve a atividade criadora e imaginativa;

Fonte: Elaboração própria com base em Ferraz; Fusari, 1999.



Dessa forma, por meio da expressividade, percepção, imaginação e fantasia inicia-se desde cedo para a criança o processo de formação do conhecimento da arte, interagindo com o mundo a sua volta, construindo novas elaborações, afetivas e sociais, utilizando as situações imaginativas como uma espécie de preparação para o mundo social e cultural.

[...] quanto mais veja, ouça e experimente; quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos da realidade disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será, como as outras circunstâncias, a atividade de sua imaginação (VYGOTSKY, 1990, p. 18).

É responsabilidade do professor e futuros professores/pedagogos que atuam e atuarão com a disciplina de Arte um trabalho intenso, de investigação e formação, buscar entender como os processos de elaboração, assimilação e expressão são alcançados em Arte, e assim constroem-se novos conhecimentos artísticos e estéticos.

A ação pedagógica é imprescindível para que os objetivos de aprendizagem se efetivem na prática educativa, portanto, o posicionamento claro e explícito, uma orientação com base no planejamento, proporciona uma execução de qualidade e uma avaliação que se constitua como um processo formativo. Assim como, buscar constantemente a conversão no sentido de conscientização da sua prática pedagógica e uma ação voltada para a transformação de manifestações relevantes da realidade com o objetivo de construir decisões conscientes em nossos estudantes, as quais são possíveis por meio de uma mediação teórico-prática em contínua formação, pesquisa e reflexão (LUCKESI, 1986).



Outro elemento constitutivo da prática pedagógica, o qual orienta e/ou direciona os conteúdos de Arte na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, na atualidade é a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), destarte vamos tratar como a Arte está organizada no referencial.

Ao que se refere a educação infantil os componentes curriculares estão organizados nos campos de experiência.

Quadro 2 – Campos de experiência

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO				
O eu, o outro e o nós	Corpo, gestos e movimentos	Traços, sons, cores e formas	Escuta, fala, pensamento e imaginação	Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações
Interagir, pensar, agir, sentir; Vivências e primeiras experiências sociais; Constroem percepções; Identificar-se como individuais e sociais; Autonomia e autocuidado.	Corporeidade; Explorar o mundo; Diferentes linguagens; Consciência e integridade física; Centralidade na prática pedagógica;	Diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar; Vivenciar diversas formas de expressão e linguagens.	As crianças participam de situações comunicativas cotidianas, desde o eu nascimento; É importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir.	As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais; Ampliar seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural.

Fonte: Organizado pela autora com base em BRASIL, 2017.



Os eixos estruturais permanecem “Interagir e brincar”. Propõe-se a continuidade nos “eixos estruturais, direitos de aprendizagem da criança e campos de experiência”. Contudo, com um enfoque maior na prática pedagógica e na rotina escolar (BRASIL, 2017). Independente das críticas que possamos destacar sobre os processos de discussão, elaboração, implementação da BNCC, vale ressaltarmos suas contribuições para a educação infantil.

Nesse contexto, evidencia-se a necessidade de proporcionar aos professores oportunidade de construir uma compreensão mais atualizada e complexa das áreas do conhecimento, ressignificando a Arte dentro da conjuntura dos campos de experiência, pois como pensar em infância sem pensar em manifestações artísticas e estéticas.

E vincular o processo de aprendizagem com as vivências das crianças e aproximar, humanizar as áreas do conhecimento, compreendê-las em um movimento de interrelação e interdisciplinaridade.

Com a ênfase no conhecimento, construído significativamente, possibilita um novo olhar, atualizado, interdisciplinar, científico, sistematizado, aprofundado sobre os conhecimentos, principalmente em Arte que manifesta a vivência e a relação do fazer do homem com a natureza, seja ela natural ou cultural.



No caso dos anos iniciais do ensino fundamental, a BNCC trata a Arte por meio das seguintes linguagens, as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro; propõem a articulação dessas linguagens com “[...] práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas” (BRASIL, 2017). Ainda, propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento.

Quadro 3 – Dimensões em Arte no ensino fundamental

<p>Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem.</p>	<p>Crítica: impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem.</p>	<p>Estesia: experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais.</p>
<p>Expressão: possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos.</p>	<p>Fruição: deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais.</p>	<p>Reflexão: processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais.</p>

Fonte: Elaboração própria com base em BRASIL, 2017, p. 191.



A referência as dimensões destacadas no quadro acima, busca facilitar o processo de ensino e aprendizagem em Arte, integrando os conhecimentos do componente curricular. Pois, os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, se faz essencial considerar a sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva (BRASIL, 2017).

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance (BRASIL, 2017, p. 1920).



Quanto as linguagens artísticas importante refletir:

Quadro 4 - Linguagem artística



Referências das imagens
Freepik / Freepik
pch.vector / Freepik

Fonte: Elaboração própria com base em BRASIL, 2017.





Considerações Finais

O presente *e-book*, teve como principal objetivo contribuir para a formação dos professores/gestores, assim como, promover discussões que possibilitem a conscientização da importância de uma boa formação na disciplina de Teoria e Metodologia do ensino da Arte, para desenvolver uma prática pedagógica efetiva nessa área do conhecimento, não apenas uma atuação alienada e reduzida das manifestações artísticas e estéticas que fazem parte (como vimos na unidade I) da história da humanidade.

Revisitar concepções, conceitos e viabilizar estudos que valorizem a área da Arte no ensino dos anos iniciais do ensino fundamental e na educação infantil, para assim interrelacionar conhecimentos que permitam uma alfabetização com ênfase no desenvolvimento integral, crítico, consciente tendo como fim educativo, um ensino/aprendizagem de qualidade.

Portanto, se faz importante refletir sobre práticas pedagógicas condizentes com a realidade artística e estética de nossos alunos, que possa romper com estereótipos e preconceitos quanto a área de Arte. Conectar a realidade social com as produções artísticas sejam profissionais ou não, buscar entender como essas manifestações podem contribuir na valorização a ação de cada sujeito na história da sociedade brasileira.



Prezados(as) acadêmicos (as), a formação se consolida por meio do conhecimento, a prática pedagógica que leva ao ensino/aprendizagem de qualidade necessita fundamentar-se na consciência de que a formação apenas se iniciou no curso de Pedagogia, a caminhada precisa ser permanente, pois a sociedade é feita de movimento nas relações sociais e culturais.

Obrigada pela oportunidade de compartilhar minhas experiências, e conhecimentos, e principalmente, obrigada por contribuírem com a minha caminhada e formação.



Referências

- BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena História da Arte*. 4 ed. Campinas: Papiros, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Difel, 1975.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – 3ª versão revisada e homologada pelo CNE, 2017*. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/acontece/bncchomologada/>. Acesso em: 15 de nov. de 2019
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1º e 2º ciclos)*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DELACROIX, Eugène. *Journal. Tome premier, 1822-1852*. Nouvelle édition, publiée d'après le manuscrit original avec une introduction et des notes par André Joubin. Paris: Librairie Plon, 1932.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FUSARI, F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 16ed. Rio de Janeiro, LTC, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação Educacional Escolar: Para Além do autoritarismo*. In: ANDE, 5 e 6: 47-51 e 47-49, 1986.
- LUCIEN-SMITH, Edward. *Arte Moderna, História da Arte e crítica em Arte*. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/ Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo, Cortez, 2005.
- PROENÇA, G. *História da Arte*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *La Imaginacion y el Arte en la Infancia*. 2 ed. Madri : Akal Bolsilio, 1990.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Teoria e Metodologia do Ensino da Arte [3] – Kaite Zilá Wrobel Luz

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Ernando Brito Gonçalves Junior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Element5/Unsplash
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones